

ONDE ESTÃO AS BOMBAS

Tatiana Pequeno

ONDE ESTÃO AS BOMBAS



macondo

“*Perdida*. Agora já não sei onde estou... Existem imagens, mas parecem de carne e osso. Estão aqui dentro... Onde? Juro que estavam aqui. Onde estão, elas estavam aqui... aqui embaixo?”

Aqui embaixo, uma bala alojada. Está dormindo. Parece tão estranha quanto eu, aqui, dentro desse corpo. O que faz aqui, projétil? Foguetinho triste que não consegue mais explodir! Está morando agora em outro planeta, é? Entrei um dia numa arma apontada para uma mulher, quando o projétil explodiu e o corpo dela caiu, eu fugi. Era você a mulher?”

GRACE PASSÔ, *Vaga carne*

“Ê semba ê, ê samba, ah
Dor é o lugar mais fundo
É o umbigo do mundo
É o fundo do mar
(...)
Que Noite mais funda, Kalunga!”

ROBERTO MENDES, JOSÉ CARLOS CAPINAM,
“Yayá Massemba”, na voz de Virgínia Rodrigues

origem

*explicar con palabras de este mundo
que partió de mí un barco llevándome*

alejandra pizarnik, *árbol de diana*

naquele ano foram cinco tiros
pow pow pow pow pow pow
um sexto que furou a geladeira de
refrigerantes mais antigos do bar
você deve ter caído para a esquerda
e um homem fugiu com um cano
fumegante um homem assassino
deixou você no chão sangrando
os pulmões a inteireza da coluna
tinha que haver uma linha que te
costurasse pow
uma galeria para a gente pendurar
o futuro pow
bombas de você morrendo
nos caquinhos de cerâmica pow
os pés infantis no piso
depois meus avós não quiseram
matar aquele assassino pow

era trabalhador, dissemos
faltou lembrar
também era poeta
pow.

**campo de libra
(ainda 2014)**

o rumo da ponte é niterói
mas o que vale, aos pedaços,
ficou mesmo na baía, antes
dos pedágios, na estrada
entre as bagagens caídas
da viagem de volta para
os falsos & faustos mares
ao redor dos campos de libra.

adeus ao pelourinho

aportei com as tigelas de volta
saia guardada de dançar chula
onde por acaso não fiz o santo

pedi que não me punissem
porque o sacrificio já era maior
que a raspagem da cabeça

os eguns se deitaram e
o pai omolu proibiu depois
suas subidas.

teoria de poesia

correndo vinha búfala
caminhada em punho
tronco pesado de gado
eu vinha bovina
correndo vinha rinoceronte
pisava forte como arma
até concreto de chão
coagulava e mexia
correndo vinha a galope
na sina de advertir espantalhos
marchando com vontade
a sutileza das vindas
correndo nasci mamute
tronco grande animal
médico para ensinar
subir e descer com leveza
nascendo cresci mamute
pronta para as famílias
no plural
e eis que se espantaram com as minhas entranhas
dei à luz um menino
— elefante extinguido
passado como fóssil
íntimo dos intestinos
mamute, rinoceronte
búfalo ancestral

quando morri
recebi de presente

a pisada de um mamute
fiquei esmagada
na humanidade
preferi ser mesmo animal
agora meu menino se foi
o pai danou-se pela selva
fiquei colecionando presas íntimas
sagradas antropológicas
correndo vigilante
totêmica búfala e tabu

silva antiga

primeiro a poesia foi solapada por um desenho errado que fizeram dela. foi exposta entre os gentios de uma biblioteca eminentemente iluminada ao cifrão mais vantajoso da república quando disseram — ainda tolos — que era engenho ou arte ou descendência a moeda da sua larga circulação. depois a poesia não chegou ao que era o seu destino, a distância, e o que seria munição transformou-se naquilo que o poder engendra na psicologia da servidão voluntária: dor, bicheira, melancolia, exílios, enforcamentos, bactérias, prisão. agora a poesia tem companhia tem um número incontável de letras tem esses nomes que evocam o seu dia mais ancestral de artesanato e saída. ela então migrou daquela região grave e grega onde hoje se deve os fundos da terra e troca a guarda bem ao nosso lado entre apertos de mão, palavras sobre crise (acenos, claro, porque implicar-se é um gesto permitido pelas normas da saúde) e ensaios e mais ensaios que joga ao mar quando encaro os terminais próximos do trabalho que não é de libra e recordo

que este é, afinal, o novo antropoceno e
boa será mesmo a poesia que apenas
indique nos seu versos mais rupestres os
caminhos que tenham levado a sabedoria
lírica os rios as violetas e os humanos
mais sensíveis à sua completa extinção.

l'air du temps

eu nunca viajei para a europa
meus colegas de profissão riem
assim constrangidos quando
digo séria não, eu nunca viajei
para A europa
fui somente ao paraguai em
90 e 91 (de ônibus)
comprar relógios casio de plástico
& rayito de sol para vender na
escola para as mães de todos
os meus não-amigos de olaria

minha mãe muambeira às vezes
nos levava com a promessa de
um videocassete para vermos
o brinquedo assassino chucky

no retorno da viagem a nossa
vida tinha muita expectativa
esparramávamos as compras
sobre a cama e no entardecer
de bonsucesso contávamos
os enormes investimentos
das galerias de falsificados

(não, eu nunca viajei para a europa
fiquei sempre aqui nos verões e nos
domingos cintilantes de calor
nunca também tivemos ar condicionado

porque o calor foi sempre a melhor
das metáforas contra e a favor da vida tropical
e da vida na europa)

assim foi ficando a europa para lá
e eu lembro mesmo é da bolsa de viagens
da minha mãe que ela tinha comprado
na loja corpoloco da praça das nações
ela chegava e espalhava tudo na cama
grande minha mãe espelhava o trabalho
ela dizia que vender aquilo tudo faria
todo esforço da gente valer a pena

o rio corria embaixo as torres de tensão
pareciam cenário futurista &
quando as pessoas estavam distraídas
na sala eu entrava no quarto para abrir
a bolsa de viagens e experimentar
perfumes de mulheres mais velhas
meia-calça preta de gente adulta
e descobrir o que era na minha pele
a cor de nome estranho fumê
porque rapidamente os relógios casio
me entediaram e eu queria mesmo era
que houvesse ali escondido, de presente,
todas as fitas k7 com a trilha sonora
das novelas a que assistia com o objetivo
de me tornar uma moça educada, bonita,
inteligente e esforçada
sabida dos truques sobre vendas de
muambas e doces e bolos

anotávamos no caderno dela de vendas
os preços das mercadorias e durante
a hesitação da formulação do preço

eu imaginava algo que nos desse uma
casa distante daquele cheiro mal de rio
imaginava a casa com a piscina da embalagem do rayito de sol

o que minha mãe não sabe é que deve-se
a minha poesia à muamba daquela infância
porque verdadeiramente era
aquilo que passava por mim
e que eu queria
mas jamais poderia ser meu.

expertise

para o gustavo

deve ter uns vinte anos que passo
naquele viaduto e leio há tempos
a mesma frase que diz como vida

vitória consagradora do jorginho

creio ter a ver com a vitória do
brasil na copa de 1994 e de como
o jogador chamado jorginho, grande
lateral direito, superou o descrédito
de uma seleção brasileira burocrática
no maior torneio eliminatório das américas

não sei bem porque a frase permanece lá
depois de tanto sol tantas obras tanto pó
e só consigo pensar no gesto de alguém
um homem
comprando pincel e tinta branca e indo
escrever no concreto uma declaração
pública de identificação íntima com o
jogo e a superação daquele jorginho
que, ao mesmo tempo, compunha parte
das figurinhas que tive no álbum da
campanha futebolística de 1994 embora
de minha parte houvesse mesmo um
encanto pelo ricardo rocha, zagueiro
espiritual de verve vascaína e nordestina
que conheci por ter irmã de maiô
competitivo preto e branco, ginasta.

nós, as meninas, em 1994, queríamos falar dos jogos, do nervosismo do dunga mas a mim, na oitava série, diziam era que jamais me casaria com leonardo, aquele que foi expulso no jogo contra os americanos por ter acertado uma pontiaguda cotovelada.

lembro da vitória consagrada do jorginho e sei que após os jogos esta frase fazia sempre muito sentido no tempo que se seguiu e penso que tenha a ver com a adversidade que soube anos depois a caminho da faculdade na ilha distante do fundão onde sempre terminar alguma coisa tinha a ver com vencer e ganhar realmente uma outra sensibilidade com isso.

fato é que o tempo já se faz há muito e como de fato não me casei com o leonardo pois para mim as mulheres talvez tenham sido mais sensíveis e conversadoras que conservadores (por que diabos os meninos me interditavam fosse o branco, o jorginho ou o leonardo?) e assim, a verdade é que jamais fui muito de jogos — além de nunca ter ido adiante com o vôlei no bonussucesso futebol clube — entendi que mais que conhecer o jorginho, queria mesmo era saber do autor do piche, conhecer o motivo da sua inscrição, reconhecê-lo como autor não de uma ajuda mas de uma suspeita que por mais de vinte anos perdurou pela consagração de um personagem que ao vencer nos salva a ponto de agradecermos por meio de uma escrita algo como obrigado, jorginho pelo seu jogo, nele me identifico porque sei que preciso vencer este concreto porque sei

que preciso passar esta linha vermelha porque
sei que preciso aprender a jogar a bola porque
um dia pensei que um livro fosse escrever sobre
essa vitória consagrada mas não foi.

a queda do céu

imaginemos esta baía antes que a colônia
aqui tivesse chegado e a água fosse vasta
bem antes da sua escassez e finura, alguém
repete, imagina o lago imenso para este
banho e a nossa fundação para o serviço
e a consequente imortalização da nossa
ra
nhu
ra
esta pessoa insiste quando na passagem
imaginem os índios nesta praia quase
inabitável de limpeza imaginem o salto
antes do mergulho imaginem deixar uma
lança repousando no descanso da caça
imaginem a nudez permitindo o olhar
para todos os incompletos orifícios
alguém
pede para imaginar esta origem
alguém clama pelo conhecimento
(implícito)
nesta atividade de ver — imaginar —
lembrar o outro tempo anterior ao trauma
agora
onde a falta de linguagem é amálgama de
uma anti-imagem sem nós sem vastidão
sem visita ao profundo chão do mar
hoje lixo, sim um muro.

breve ensaio contra a minha indiferença à cracolândia do jacaré

avanço protegida por uma película
de vidro — esta janela — por onde
filtro cegada pelo sol o bebê caído
de uma teta mirrada de mãe verde
entrando pelo coletivo e assumindo
seu desejo de transbordar tudo o
que for falta. queria escutá-la mas
havia uma transparência imanente
eu a trouxe para cá, todavia
queria que ela falasse no meu poema
ela pede centavos para não morrer
e diz a cerveja poderia me ajudar a parar
a cerveja no entanto é muito lenta
abro a bolsa constrangida porque
aqui sou eu que tenho pele demais
aqui sei que estou retornando à casa
aqui gaguejo e murmuro ainda constrangida
pela visão do bebê absorto pendurado
no semelhante peito caído
posso te fazer algo a mais e
ela diz me dá dinheiro e depois me esqueça
muitos dizem sentimos muito e é ver
dade que não há nada que possamos fazer
ressono de culpa, acordo, ela permanece atrás, sentada com
seu bebê atravessado pelo contágio
é uma criança hipotônica recém-saída
da faixa dos conflitos onde se espera a gratuidade dos extermínios

nunca vou esquecer o seu corpo tampouco sua voz de fantasmas e
ausências graves de fumo.
me esqueça — relembro — essa frase
que guardo há meses doendo os dedos
quando conto as moedas quando
retomo o mesmo caminho para os
sonhos ou para casa para a espinha
que fica a me botar de pé entre sorrisos,
salários ou cabelos novos.
vamos te esquecer certamente
eu vou tanto que te guardo aqui neste
poema para lembrar que não podemos
te esquecer porque nós te levamos
às pedras nós transformamos você
também em cinza eu finjo que não
a conheço quando prossigo depois
do sinal fechado e me esforço para
saber onde foi que nos separamos
e em que espelho empobrecido ficou
a tua verdadeira face que diz aqui
é o que me restou dos acidentes.
me esqueça, sei, compreendi mas
é que não posso é que não sei e é
exatamente o que faço todos os dias
não sei e não saber relembra o fim
desta civilização genocida
eles não sabem
os especialistas não sabem
estou e estamos sonâmbulos à nossa revelia.
olho-te inteira e queria que me olhasses
de volta para que tua criança ameaçasse um choro um
escândalo uma antipatia enquanto
tento te esquecer através da minha

poesia já que te dei um nome secreto
e gravito entre o teu silêncio e a minha falta de economia neste longo
poema solitário
perdoa-nos a pele, perdoa a indiferença dos poetas,
as notas nos bolsos,

fica.

muito tesão pelos campos em perdizes

acabamos de cruzar a europa
dizem dois paulistanos profes
sorados lado a lado e amigos
pela janela desta primavera
vejo um jacarandá com pouco
lilás vivo depois do peso deste
longo e miserável outono
(casacos caros parcelados de
acordo com a lógica do crédito)

fiquei neste país cruzando
o oriente de uma certa
sombra
& nesta dificuldade sempre
me endividei mais e perdi
calculando errado se valia
mais a pena táxi, metrô ou
uber

(mais valia)

deveria ter cruzado a europa
há anos ao invés de gastar
meu português brasileiro
com militâncias, receitas
e razões apaixonadas dos
meus latinos sentimentos
deixados na linha verde

bem longe de perdizes e
desse tesão infinito que os
homens têm de escrever e
falar quadriculados sobre
legados e heranças daquela
semana boa moça de 22 ou
do reinado dos campos
entre nós cariocas
não tão concretos

rústicos.

um a um

distante, ao longe, uma tv conta a história
de um jogo longo e tenso entre homens
(há muito tempo não assisto a eles jogando
perdi o interesse pela corrida
os olhos com que olho são de alívio
nunca houve espaço para mim
na condição das divididas)
na tv as vozes preparam os meninos
para serem sempre meninos
enquanto aos oito eu cuidava da casa
e aprendia a arte de livrar o limo
mais antigo dos ladrilhos
ao fundo do quarto, a cama de casal,
eu e ela, certamente mais leves
depois do despojamento esportivo
agora escrevo no cômodo dos livros
e o que mais amo está desenhado
na rede onde dormem os gatos
ou na lombada vertical deste mundo
de nomes hoje mais femininos que
masculinos

(pensando bem, agora entendo
sempre fui craque
na condição das divididas)

metafísica da repetição

como se faz para que o dia seja livre
perguntava
distante e muito próxima do cano ligante
transparente pelas artérias
como se faz para que o dia seja leve
demandava
silente e rubra de fato muito nua
na voz que ressoava de dentro
como se faz para que o dia não doa
esperançava
vagando cedo sem mais vermelho no cabelo
sem mais vermelho subindo pelo vento
no sentido inverso das ruas
como se faz
para não afundar
com a lama
nunca duvidava
e du(vida)r da sina
pareceu sempre
a coisa mais dura
nesta parte do mundo
onde nada impede
o crescimento
alucinado
das sobranceiras.

lírca decolonial

mira douro
não sei ainda como inscrever nesta língua
a palavra hesitação
que é a que vim
e me dou na expressão dos intervalos
ninguém está a ver mas
tudo que é novo dói como abrir os presentes
e de repente desviriná-los até à coisa
nunca entendi por quais desígnios umas
surpresas são tão mais raras para uns
e tão costumeiras para os outros.
prefiro acreditar que seja um lance de dardos
a um galope errado de deus me olhando

pequena
a contemplar o tempo passando
indiferente ao meu povo e a mim.

porto, 23 de março de 2017

intradução

ao menor sinal de tremor na retina
passo a chave por dentro do órgão
tranco a viscosidade e a cor do ritmo
resseco a umidade do resto do bolo
em mim acomete a carícia do sintoma
uma válvula sem escape digna para só
doer enquanto o cortisol despeja arritmia
e as tripas quererem nós, musgos, sevícias
acontece é que o corpo sacode, se adianta
diante do medo e da possibilidade de lograr
permanece feliz acobertado pelo silêncio
modestamente não cansa de se adverbial
é duro exigir para si aquela nova escrita
calculo muitas vezes a quantidade precisa
para cada dor percebo que a dor sempre
escapa do verso certo ela dor surpreende
dinâmica e absoluta sabendo que não será
soberana essa dor gatilho em mim da coisa
tal uma pulsão desgovernada fora de si que
não basta a não ser para sempre querer
infinita e desgovernadamente gozar.

epilepsy is dancing

meu pai alegre sua mão tremendo fingindo ser maestro alguma música
para violoncelo ressoando pelo bairro acima da leve ladeira
(as janelas abertas e o voil bege claro soprando minha respiração
[seguidamente para o alto onde vibra o pó enigmático da luz])
aprendi cedo o ponto exato que o corpo atinge antes de cair

mulher do fim do mundo

um pedaço de carne assim querendo vara
mete com força pra ensinar a temer o corpo
macho que é sério estoca e põe de quatro
arreganha a pele simulando arrimo e estupro

se for loura a gente cai fundo e exige dp anal
se for gorda a gente troca o nome fura o
plástico dá o número errado e goza dentro
de velha oferecida a notícia é a buceta seca
o que pra alguns adianta o babado da saliva

para as negras um caralho maior que baste
o tamanho gigante da safadeza e da burrice
lésbica assumida a gente cur(r)a na porrada
devolvendo a ela o cheiro viril do hormônio
esquecido

com as que se casam com homens que têm
dinheiro mais vale é o juízo, chamar de puta
açoite para as que exigem pensão, nome, brio
vagabunda que não labuta é piranha que já já
vai arrumar outro filho.

a que discute, critica e estuda é sempre mal-amada
(que nojo dessas mal-comidas) a que se dedica aos
afazeres domésticos é fracassada, frágil ou entristecida
bento é o gosto da porra, sagrado o suor másculo
das virilhas

mulher se queima
mulher a gente chuta
e se a gente não derruba
crava a linguagem do medo em outra
que essa outra, com medo, chuta ou derruba
mulher a gente mesmo queima

sábua e douta mesmo é a condição dos homens
que ao nascerem ganharam de presente um prêmio
o poder de relegar aos cães ou aos porcos o largo ódio

cantilena da outra ponta da praia

meu pai era pequeno além de silva
vendia lâmpadas que acendiam as
cidades e voltava para casa sempre
ferido pela doença haldólica de cair
as lâmpadas que meu pai vendia nunca
iluminaram sua verve lírica
cantava secretamente pequenas árias
de óperas famosas e devia ao sagrado coração
de jesus a sua pele escura
nem o pouco dos seus olhos eu herdei.
faz mais de trinta anos que ele me guardou
todas as conchas da praia de iguabinha
e disse vou escondê-las para você ir
encontrando belezas sempre que voltar
aqui

meu pai se esqueceu das marés o que
ele prometeu nunca mais pôde ser visto

ele desapareceu numa certa manhã chuvosa
de janeiro e nunca mais atravessou com facas
a porta de nossa casa em bon sucesso ele
nunca mais colocou os dedos entre os cabelos
da minha irmã mais nova ou falou alto o nome de
meu irmão mais velho e marinheiro
ele não pôde daqui
sair vivo

faz mais de trinta anos que coleciono conchas

e por mais que o tempo tenha se cumprido
lamento dizer a ele que devo soltar sua mão
desde um último dia em que pedi pai, vamos
até a outra ponta da praia, vamos esconder
conchas, pai, e ele disse não posso mais,
querida, estou
adoecido.

venho soltando sua mão há tempos mas
tão vagarosamente que sinto ainda restos
de areia entre os dedos, poeira ou poesia
entre nós
meu pai, faz trinta anos que a sirene se fez
inteira e eu sem as conchas sem mais a
travessa de esconder os objetos pontiagudos
de ti sobre os meus braços

a verdade é que me restou um ancinho
poeira de areia entre os dedos e de meu pai
a pequena voz da loucura, seu canto
que guardo pela gravação das palavras
todas variadas formas de ir ao portão e
vê-lo partindo nu sem nenhuma concha
ou ferramenta justa nas mãos
faz quase trinta anos que nunca mais.

galeria

minha avó subia as escadas trazendo nas mãos um embrulho pardo ela vinha com presentes de comer a herança das farinhas pequenos gestos de amor em pacotes de cem gramas os pães os fios dos barbantes virando cabelos e laços da boneca que eu mergulhava no fundo amarelado do tanque e em seguida punha para tomar a garapa de café preto conosco doce bem doce a minha avó perguntava como chamava a boneca e eu dizia algum nome estrangeiro coisa tipo personagem de novela e ela não sabia repetir o nome ela apenas ria e partia a bisnaga em muitos pedaços para saciar a fome da gente que nunca foi nem era nem podia ser pequena porque de onde ela vinha a seca tinha levado todo mundo embora e me contava histórias colocando linhas brancas no encaixe certo das agulhas finas ela falava de lado mostrando seu cabelo cinza eu dizia vó eu quero ter o cabelo como o seu e sua resposta era molhar o pão na mistura de água e café e açúcar sempre me dizendo come farinha menina que quando você for grande teu cabelo vai ser igual ao da boneca e eu ria porque nunca quis ter aqueles fios amarelos do brinquedo eu queria mesmo era ser como ela que subia as escadas com presentes nas mãos ao fim da tarde nos verões já tão ressecados pelo fio da memória e do tempo ela com o mesmo vestido estampado que certamente havia ganhado de uma das irmãs dela a minha avó costurou para mim anáguas e certa vez pedi que fizesse também para minha boneca com nome de cão mileide e ela fez uma anágua completa de cambraia para nós e eu pedia que ela repetisse o nome da rua em que morou rua guanacás porque desde sempre soube que o endereço tinha a ver com o uso das anáguas seu cabelo cinza e seus pés gastos deitada no chão gelado da cozinha para

diminuir o calor eu via que seus pés iam de muito cansaço e rachaduras e ainda assim eu queria chegar sempre levando pequenos presentes sobras de tecidos das roupas que ela fazia para fora os pães a mortadela minha avó chegava como rainha maga e embora não tenha sabido me ensinar direito a ler fingia seguir as letras comigo fingindo que sabia como só as pessoas generosas como um raio de sol podem ser no caminho para fermentar as farinhas e esquentar o chão em que se costura ensina e cozinha a minha avó se despedia prometendo fartura caso houvesse leitura e desse modo eu sentava ao chão naqueles inícios da noite e rezava que ela voltasse e nunca desistisse de me ensinar os bordados e os alinhavos tão certos e adequados aos tecidos enquanto mastigávamos o pão molhado no copo transparente de infância e açúcar.

querida,

meus peitos pesam muito
vou descansá-los ao asfalto
aberto
depois da visita das armas
sobrou pouco corpo para o
desmante
os tiros vieram pela direita
atravessaram sua cabeça
naquela esquina do morro
do estácio rua com nome
de papa que nunca ajoelhou
seu menisco velho
numa disputa entre a milícia
o pcc, o terceiro, o cv e o ada
linha primeiro amarela, saca
depois avenida brasil
agora são meus peitos pesando
o fôlego na linha vermelha
fuzis desmontados neste ano
armas são inofensivas
podem ser apenas artefatos
de quem coleciona dor

em análise sempre se repete as
palavras
para permitir a escuta de um outro
sentido

coleccionar é juntar
mas também ensinar junto
o que a arma diz é

vamos matar vocês todos
um por um
lentamente

mas eu também tenho raiva
e coleciono dores

só não tenho fuzis
mas bombas aqui
entre as pernas
bombas que também
faço com as mãos
meus peitos pesados
querida
podem atrapalhar o
atirador

matem uma outra
chegarão dez mil
explosivas
gigantes fogos de santelmo

e os meus olhos e o meu rosto
revigorarão todas as sementes
cultivadas pelo leite vindo dos
peitos mais pesados desta terra.

itinerário econômico da formação

chove nos meus óculos.
um vento assim frontal
vindo com a velocidade
talvez de um besante
lançado longe ao lago.
chove durante a tarde.
e os pés apesar de secos
simulam areias fundas
poças lamas roçados
chove nos meus livros
passados e nas páginas
que não se abriram na
tablatura míope dos
olhos que cantam uma
chuva fina de lentes
cegas e bem molhadas.
chove nesta cidade sob
o manto pesado de julho
e nunca haverá ouvido
para tudo que seca na
letra manchada de charco
tela dedilhada mente que
há fazer diverso a morrer
dentro dos meus livros
abertos sobre mim.

carta para alguém depois dos protestos

Os bárbaros ficam silhuetados contra o céu acima de nós. Há o bater de meu coração, o ofegar dos cavalos, o gemido do vento e nenhum outro som. Atravessamos os limites do Império. Não é um momento para arriscar nada.

j.m. coetzee, à espera dos bárbaros

é quente a noite no rio e a praça xv
arde sulfurada pelo estranho torpor
dos normais depois das cavalarias
de choque e da pimenta azeda que
trouxeram nos barcos dos pinheiros
sal vinagre especiarias azeviche
agora ferve a noite no rio e o centro
está vazio como se os habitantes
todos tivessem sido demitidos e uma
horda de restos denunciasse o adeus
de alguém mergulhando suicidado na
imensidão apodrecida da baía
é densa a noite no rio e os bairros
dos subúrbios dormem como aves
amortecidas não mais migrantes
não há pequenina luz nenhuma a
penas um homem em farrapos
que diz ter uma palavra importante
a ser compartilhada embora
ninguém aqui possa ouvi-lo.

no mirante do pontal

o mar tem a mim desde pequena
na areia de nem saber sobre
meus nomes
sei que deixei desde cedo o corpo
das cheganças e deixei como
visto a parcela de afogamentos
e nadadas com a paisagem entre
a eletricidade de meu pai sem
a voz que conheço há trinta e sete
anos do alfabeto de minha mãe
o mar revoltado foi por longo tempo
a única metáfora que conhecia
para nadar entre ondas altas e
viver submersa sob o efeito da
água sem saber abrir os olhos
debaixo de tanta violência e sal
o mar gravita no entorno do meu
tempo a fazer linhas neste corpo.
escrevo sob o sol mirando a vista
e procuro com afinco a descoberta
de outras tantas possíveis metáforas
ainda assim o mar está aqui e cada
vez menos me afunda
persisto a nadadas com braços gordos
e cansados mas boio sabida de ser esse
um dos meus talentos
boio e seguro a onda para andar
mesmo no de fora das linhas
sigo a fazer anos e deixar minha

letra neste mar que agora entendo
precisar ser mais raso para desaprender a ir buscar amor
[somente no fundo escuro
dos oceanos e das natações nos dias.

carapebas praia hotel

foi o nome tupi deste peixe
que cintilava na água como
prata
que aprendi a não ter muito
eventualmente o necessário
para mergulhar com intens
idade sempre até o fundo
desde o começo das férias
minha mãe dizia — não fica
debaixo d'água mais que
dez segundos
um dia eu e meus primos na
damos até uma praia reservada
destinada aos frequentadores
de um imponente prédio de muros
pré-paradisíacos
na expedição
e vimos cardumes de peixes,
cavalos marinhos e outros bichos
voltamos silenciosos pelo mar
de iguaba, não queríamos atra
vessar a fronteira do vivido
e de volta à terra, na areia comigo
mesma e meu maiô de navios
guardei em mim a imagem de
um peixe carapeba brilhante
que valia mais que o nome
daquele hotel famoso e antigo.

1. desorientação

teu passo chegou próximo
junho de dois mil e catorze
duas músicas um gesto entre
os cabelos à espera da barca
na outra ponta: atravessar
a solidez da água lentamente.

2. pedágio

na primeira folha depois
do nó central do livro
estava teu poema e um
desenho da árvore mais
imensa do caminho para
a vista poente do gragoatá.

3. crítica lírica

permaneci sentada diante da tua nudez
cada possibilidade de passo parecia um
gesto falso atento a fáceis e previsíveis
perigos
até que reconheci no olhar a percepção
do finito que comparecia entre nossas
diferenças
nunca tive medo, disse, e você cruzou
os dedos sorrindo para lembrar da pele
desbaratada

nunca nem sempre é fácil estar nu
eu sei disse e cantei em segundos
uma pequena canção

você então se deitou ao meu lado
e dormimos últimos pela primeira
e única-lírica ocasião.

**virginia woolf & joão cabral de
melo neto: mútua entre-vista**

estou meio que ao lado viva
entre córregos de garantir a
sustentação ou suspensórios
agarrada a uma pedra de fundo
no sentido contrário dos peixes
estou nesta esquina perigosa
acuada pela lei e pelos homens
estou lá onde não posso saber
e faço porque mergulho doce
neste retorno manso dos tiros
gasto uma pistola inteira de
traços e revivo aguda e torpe
entre linhas, exames e ditos
repetidamente gagos gagos
como as pedras nos bolsos
não canso de me deparar com
a singeleza e a brutalidade e
por isso sempre desisto do susto
acostumada que estou ao estrago
conto todos os sonhos nesta nar
rativa perdida do meu lastro
porque um grampo foi esquecido
dentro e por este motivo eu calo
(lanço pedras e elas voltam com sangue)
dói uma ferrugem de outros tempos
nesta cadeia sucessiva de nadas
de modo que os dias são estes
pássaros perdigueiros estes cumes

estes cimos de muito pouco pasto
paramos diante da pedra
e a pedra não responde ou indaga
a pedra apenas cai, se atira e me acolhe
o silêncio dos muitos anos e das horas
a pedra fica à mesa e olha, a pedra sabe
tudo o que não pude dizer desde aquele
meu primeiro grito diante do sobressalto.

iniciação à gramatura

às vezes quando chego tarde da rua a trabalho e o dia é mais fim do que noite ou madrugada reparo na iluminação do apartamento térreo focos de luz amarelada conversas mansas entre delicados sons dos talheres sendo colocados em cima dos pratos de louça dentro da pia às vezes paro depois do portão e olho de longe a luz estourada fazendo sombra nos quadros modestos e matematicamente curados na maior parede da casa na sala

todos os dias antes de sair olho para dentro da habitação onde moro para guardar a luz dos horários e entender a dinâmica dos ventos e no primeiro andar antes de fechar o portão cuido das pequeninas plantas que os vizinhos arrumaram nas grades protetoras da janela

sei que as plantas não sobrevivem sempre mas quando as minhas e as deles estão firmes e a luz amarela amanheceu acesa eu entendo que carrego comigo o perfume do tomilho e do sono daqueles que amam abro o portão e me despeço devagar do bairro e o pico do grajaú amanhecendo quando viro a esquina o cheiro do café reescreve em mim a luz amarela e o dia comunica aos meus pelos um bom presságio.

antípodas

disse, outro dia, que escrever
era uma cola no retalho
de espelhar
mas faltou carimbar uma
digital e assinar esse verbo
desfeito

escrever é colar o espelho
mas não cola

sílica

na maioria das vezes em que chego
em casa sinto um cheiro velho
as fezes dos gatos exalando
no perfume incapacitado dos
odorizadores de lavanda ou
alecrim um navio de bueiros
chego em casa esperançosa pela
cama ou pelo sofá reformado há
dois ou três meses já furado
chego em casa e vou ao tanque
pego a pá e vejo a bandeja cheia
enfio a cara nos fundos e cato
as fezes e a sílica dura e grande
extensamente amarelada pela
fortaleza da urina lavo o pano
de chão, vejo se ficou algum
mineral menor nas minhas unhas
e limpo o chão cheio de restos
às vezes duas ou três vezes até
o cheiro amenizar e eu poder
atravessar os fundos a cozinha
a sala e navegar para dentro do
sofá estampado de uma vitória
rainha de vila isabel do passado
e do futuro eu me deito
cansada e os meus gatos me
olham dizendo tinhas a
responsabilidade de limpar
as merdas há mais tempo
há merda há muito tempo
sei.

mudança

há um ano — aos trinta e seis — tive pela primeira vez a oportunidade de comprar móveis fora de um carnê do supermercado extra e das casas insinuante ou bahia comprei uma estante de madeira e pus ao lado da cama também nova limpei o móvel com uma flanela molhada de um tipo muito barato de cera e depois da estante brilhosa e firme ao meu lado coloquei os meus livros mais sagrados tristes de poesia e mais bonitos. antes de dormir ligo o abajur da china que imita uma cerejeira carregada em flor e os livros velam meu sono e fazem em mim os filhos mais difíceis e discursivos.

poema angélico-adiliano

uma mulher gorda não pode ser assertiva.
uma mulher gorda não pode não sorrir e
dar de costas de ombros ou de lado porque
uma mulher gorda está sempre contente
pelo que suportam dela e da sua placidez.
uma mulher gorda tem sempre que ser grata
seja pelos comentários ambíguos ou atrozes
seja pelos que fogem dos cumprimentos e a
braços seja pelo aguentar secundariamente
um peso de guindaste a sua macro-benfeitoria.
uma mulher gorda não pode ser acadêmica
porque a ela falta teoria e quando ela tem
a teoria falta a leitura dos poemas e quando
ela tem a leitura dos poemas a ela falta
modéstia e quando falta modéstia a mulher
não pode ser mulher, muito menos uma mulher
gorda

uma mulher gorda não pode ser poeta porque
expor eus gordos ou inflados ou obesos ou
bariátricos ou sacaneados não é elegante e
a mulher gorda é tudo menos elegante ainda
que ela use bege e saltos médios e escove os
cabelos com pranchas quantíssimas que quei-
mam os lóbulos das orelhas uma mulher gorda
também não pode escrever sobre amor ou racha
duras porque mulheres gordas não são amadas
e não têm consciência que os seus tamanhos
incomodam muito muito muito muito mais
uma mulher gorda também não pode ser psicana

lista porque ela não sabe gozar a não ser comendo
uma mulher gorda não pode ter gatos porque
logo vira a mulher louca dos gatos
também não pode gostar de doces porque logo
vira a diabética masoquista analisada por colegas
quase sempre torpes e empobrecidos analistas
porque, vá lá, todo mundo sabe o que é uma
mulher gorda.

agora algumas mulheres gordas resolveram mostrar
um outro tom de nós para quem sabe deixar cair
pesado o som dos cataclismas e emudecimentos
agora algumas mulheres gordas tiram fotos e mostram
seus dentes suas peles suas âncoras tatuadas e
agora as mulheres gordas têm seus vistos mais
negados.

a mulher gorda continua sendo ignorada nos comitês
e nos prêmios quaisquer de arte e linguagem e também
entre os cafés dos círculos fechados de magros e senhores
mas

agora a mulher gorda sabe que é odiada.
e virão dela outras verdades outros tiros.

antílope-cetáceo

*Da língua cortada,
digo tudo,
amasso o silêncio
e no farfalhar do meio som
solto o grito do grito do grito
e encontro a fala anterior,
aquela que, emudecida,
conservou a voz e os sentidos
nos labirintos da lembrança*

conceição evaristo, “meia lágrima”

sobre as bombas eu diria que
psicanalistas não gostam de gente
gorda
os professores universitários
também não gostam de gente
gorda
os artistas muito menos gostam de
gente gorda
às vezes homens gordos são aceitos
pelos professores (que não sejam
universitários)
mas em geral toda essa gente detesta
mulheres gordas
principalmente se elas não são mais
suicidas ou depressivas ou heterossexuais
dizem — vejam a réplica de uma baleia —
as feministas também não suportam gordas
elas fingem que amam todas as mulheres

mas mentem
principalmente se a outra
for gorda ou negra ou gorda e negra.
assim como os psicanalistas, os artistas
e os professores universitários,
os editores também não gostam de gordas
mal sabem que mais nova,
tive um jogo da memória
de animais marinhos fortes
sonhava em ser cachalote
e conhecer o oceano profundo
e outras espécies diferentes da minha
até os sessenta anos nadando
o corpo enorme e belo
cetáceo
queria
morrer perto de algum arquipélago
e ter minha ossada enorme sendo
justificada pelo tempo

não virei cachalote
mas poeta
e como tal
também sou versada
na arte da natação
de nunca esquecer
a minha elefântica
memória.

visitações da menarca

aos treze a última calça quarenta e oito
coube bem apertada em mim e os dias
começavam pontiagudos de ouvir palavras
difíceis no antigo trezentos e doze
(ramos x praça tiradentes)
fosse pelo silêncio fosse pela condição
das roupas incabíveis ou das pequenas
moedas que vinham a mim
a história das víboras que eu lia dava
um jeito agonizante de femininamente
transitar pelos pênis duros dos homens
do bairro supostamente meus camaradas
(aqui entra a sua dúvida masculina se
fui puta ou se fui violada)
a verdade é que pintei o cabelo de hena
para parecer uma criança mais velha
depois que o jornaleiro da rua dos
democráticos em frente à vigésima
primeira delegacia de polícia exigiu que
eu ajoelhasse e desse a ele o presente
que todas as mulheres devem aos
homens.

garoa sobre mim

bem sei o que há de risco no peso
deste cabelo caindo nas costas
o fio comprido é sismo no ciclo
abalo a contragosto de ter um
cântico cínico de homens velhos
bem sei o que há de risco no peso
deste digitar obstinado do verso
a poesia acontecendo no rumor
debaixo do meu e de outros corpos
ela que não se dá a qualquer grito
sabia que viria sorradeira dos dedos
que se doem depois de livrar os
cravos pontiagudos do côncavo
muito mal iluminado das axilas
ela então eu subordinando os
cabelos vastos e compridos
a poesia álgida incomodada comigo.

SOS

inundada pelos olhos por trás de baixo
das redes sanitárias de água lixo eu
vendo a luz chegando pequena pouca
o suficiente para continuar enxergando
manutenção mínima da vida depois da
corda bamba em cima das palafitas baby
não se faz verso se não houver linha
por isso a atividade sobrevivente da
aranha minuciosa feito o que é raro
por cima o levante líquido metáfora
antiga de morrer por pouco por fora
é oco a indiferença é oca os assassinos
permanecem atrás das persianas e eu
aqui submersa por trás dos olhos mu-
dando a serventia da cor e dos tremores
tem uma linha azul no aparelho acopla-
do tem uma linha vermelha ficando
reta estou parando alguma coisa noll
diria urgentemente a beleza será con-
vulsiva vocês mentem nem será beleza
a corrente doeu só é possível dormir
se rapidamente for para desaparecer.

dura lex sed lex

a gente ia vibrando pela tarde
e o bairro centenário avisava
sobre a nossa pobreza diante
do grande tamanho do mundo
como o chá comum sorvido
diante de toda paciência dos
minutos naquela xícara dura
lex quase âmbar que alguém
tinha dividido tantas vezes
entre o custo do afago e da
bebida feita com os talos da
planta a gente ia atravessando
os balanços até chegar depois
do ponto em que tenho várias
fotos parada fazendo pose de
criança sorrindo então na areia
até que alguém correu descen-
do a rua gritando um tempo
que era instante ali com os
ônibus amarelados rápidos
e uma notícia que ninguém
esperava ninguém e eu sentei
no meio fio quase entre o
cimento e o asfalto com a no-
ta para um sorvete entre as mãos
aquela notícia e a nota molhando
como os versos que no poema vão
se adensando na sucessão dos gerún-
dios a nota ia perdendo o sentido nas

mãos até que depois desse dia a tarde nunca mais esteve na mesma angulação da luz ou melhor eu nunca fui capaz de acertar a abertura do diafragma da câmera na direção correta da luz aquele dia vibrátil foi o primeiro a me obrigar a desenhar com palavras a estimativa da luz incidindo naquela tarde sobre o meu cabelo e tantos outros degredos.

neurológica

um soco depois do almoço
certeira em minha casa só
disse alguma coisa sobre os
cactos que quis deixar no cor
redor da sacra vizinhança e
um corpo de homem avançou
rápido na contramão da zona
morte aparente contradição é
um soco depois do almoço
vindo à esquerda da cabeça
não sangrou nada apenas caí
e levantei rápido com um lá
pis-lazúli apontado para o
coração do tolo a me dizer
cuidados sobre a maneira de
escrever ou dizer seu nome
queria comungar do seu ódio
rasgar teu peito e descosturar
a cerzidura da tua pele mas
não sou como tu homem e
meus ódios eu bordo em rou
pas que não visto e guardo
no fundo das terras ardidadas
onde cuspo sobre teu nome
e todas as tuas futuras tristes
esposas filhas gerações.

as eclusas

algumas palmeiras desenhavam
a tarde na rua quito próximo do
pequeno shopping trapiche depois
de olaria na chegada da penha on
de hoje há mais uma igreja neo
pentecostal
a mãe nos levou então a um lugar
de diversão era uma boa ocasião
para comer pizza e ouvirmos
música ao vivo embora nem eu
nem minha irmã gostássemos de
música ao vivo porque naquela
época gostávamos de qualquer
uma banda de garotos adolescentes
e naquele dia chovia e estávamos
provavelmente no chevette prata
cujo adesivo dizia arroz feijão
saúde e educação e olhei para o
alto no fim da tarde cinza pelo
plástico e o carro era um abrigo
uma cavidade naquela altura
dos meus poucos e vagos anos
e soube que nunca haveria mais
tradução nenhuma para a altura
das coisas fossem as palmeiras
fosse a beleza da canção da cindy
lauper que tocava naquele momento
fosse o banco do carona vazio
como já havia tempo e foi neste

mesmo dia que pedi à minha mãe
que me desse um sinônimo para
a altura das palmeiras próximas
do céu e ela me ensinou uma palavra
que levei muitos anos para esquecer
e depois para lembrar o tamanho tão
grande e pesado daquela palavra que
não era minha mas que ficou em mim
a palavra da minha mãe repetindo por
muito tempo mesmo enquanto eu queria
perdê-la
incomensurável
e eu não sabia reproduzi-la até que
repeti até aprender o modo certo de
saber dispersar pela voz o seu tamanho
incomensurável
como a paixão nas tragédias
incomensurável
como as mordidas das
mães.

broken social scene

bem antes do lars von trier abrir uma janela
para händel falar através de sua música
houve farinelli naquela cena em que canta
a música de deixar que chore a sua crua sorte
e o castrado direciona para o seu mestre todo o
peso da sua arte e da sua voz insuportável aos
mediócras.

a música respirava em farinelli e era sua des
graça sua vida regida por outros homens mes
tres do século xviii que apareciam em sonhos
galopando desaparecidos sobre cavalos
quanto mais agudo seu canto mais queriam sua
morte ou seu proveito

rinaldo ou armida

ambos

senhas ambíguas para a vaga música do subúrbio
a ópera abbandonata

farinelli caminha comigo vendo imóveis conjugados
para alugar
nas ruas residenciais do cachambi

a festa na rua pacheco jordão

na foto infantil você aparece segurando a minha mão levantada
na altura do braço
como se estivesse acenando para alguém que me olha
não exatamente como você olhava
naquela altura, aos doze, treze anos, o cabelo ficava solto
demandando reparos e mensagens, ar quente junto à testa
a força de um homem puxando com força para fora
doendo
a minha cabeça
e então cruzar um corredor estando
vestida sempre de um modo muito
errado
enquanto tocava time after time com a cindy lauper
no fundo
aquelas seis vozes em alvoroço na minha cabeça doída
e o arco grosso do olhar sob as sobrancelhas muito cheias
atravessar então a alegria tangível na mão das pessoas
invisível como minhas marcas falsificadas de tudo
era junho
e um casaco foi possível sobre o corpo para mim que
era uma hóspede ingrata e estranha, nua
quando não pude então mais você veio
cresceu lentamente até desaparecer
como a luz do refletor iluminando a piscina
o tanto de água cintilando a rua pacheco jordão
havia um milagre triste no bairro
e eu soube que você tinha vindo por engano
como nas outras vezes
em que a maquiagem se desfez

e não havia ainda aprendido como
voltar para a foto (tua mão na minha)
e enfim me dissipar.

cat people

para margarida vale de gato

não sei muito a respeito do nascimento de humanos
por muito tempo achei que gostaria de ser mãe mas
declinei do convite por conta de sete motivos
sei entretanto um pouco sobre a gestação dos gatos
da ética das felinas prenhas em lares temporários
e dos humanos que as acolhem em situação de risco
às vezes oferecendo um pedaço de cômodo vazio.
sei que os filhotes de gato nascem com unhas e
gritando depois da instalação da primeira fome
as unhas são muito afiadas e nunca entendi como
não mutilam as vísceras das mães por dentro.
a prole nasce com os olhos colados e sujos
e um dia de repente os abrem sorrateiramente
deixando para as mães a tarefa da limpeza.
os gatos tornam-se facilmente irmãos de outros
e amam de um modo estranho sempre mordendo
e nesta altura separam-se com alguma dor da
mãe disposta — se não for castrada — a outra cruza
os filhotes sabem depois de nascidos que não podem
usar com as mães as suas unhas
poupam-nas sempre dos arranhados finos
chorando para sempre a maternagem impossível
de um pires que seca aos poucos o leite derramado.

umbigueira

em cima da mesa ficam os papéis deste ano
talvez mais um a não ter fim
receitas médicas, atestados de mil dias
encaminhamentos sobre-humanos
bulas dos riscos e das apostas
travessia de uma vida e meia
distante cada vez mais dos poemas
que deixei de escrever com medo de dizer
aquelas palavras que não se fala
víscera, ânus, reto, cólon, ceco, apêndice
tudo aqui dentro um grande mistério
escondido num espessamento suspeito
agora que o país também está para se
revelar
os amigos também doem
alguns sangram
como eu
e falo ao poema como se contasse
um segredo
gravo uma mensagem de voz em que digo
a névoa sobre quem somos se dissipa
entre nós
mas com ela surge a força de uma violência
que nos ameaça de novo a pele e promete
apagar o que restou do nosso dote para
a vida
talvez sejam parcias as metáforas
porque a linguagem agora é fria
tenho um corpo naquelas palavras

víscera, ânus, reto, cólon, ceco, apêndice
risco no papel o branco para firmar a
anatomia
e nos dias mudos como o horizonte
desenho os pés da orixá mais sombria.

a cor da pele

era alto como o rumor das vozes
no quarto ao lado
as mãos sempre suspensas
ao coração
uma experiência negra
do meu pai mulato cafuzo mameluco
geograficamente perdido ou aniquilado
e não me contaram esta outra história
do brasil
um dia levaram amaciante
despejaram atrás no meu cabelo
negociaram meu silêncio
e soube depois que o gesto
da violência
faria uma assinatura em mim
juntei meus pais e parti
restou uma química de
muitos anos
amônia viva entre os dentes
aquele rumor dos mortos
da loucura aberta das afrenias
eram todos os pelos se desfazendo
o fim encontrando um sim
as assinaturas sobre o meu temperamento
escreveram um caminho minado de
raças
eu mulher que também não pode ser louca
(sempre tentam me coroar)
o pai foi como uma parede de hortênsias

experiência negra de múltipla
assinatura
depois que tatuei o paraíso no punho
e vinguei um pouso aqui
sei que a morte me ronda há muito tempo
e para ela mostro os dentes de amônia
o corpo grande talhado de tintas que
nunca pactuaram com a brancura das verdades
nem com os neutros
ela me espreita todos os dias no meu sono
eu acordo e digo
tenho mais um dia para contar a história dos subúrbios
vou escrever para descansar da vigília
em algum futuro a poesia falará
o cimento do muro será mato
e a palavra hortênsia ou planta forte
enfim me vingará de todas as bombas.

these are the days of our lives

deve ter sido em oitenta e nove ou
noventa que vi novamente a morte
se aproximando pois matava homens
com uma doença que na época era
febre de poucos ditos conta
minados que morriam
um vídeo a que assisti numa tarde em
casa o de freddie mercury e mont
serrat caballé cantando juntos algo sobre continuar vivo e

[montserrat

muito grande e gorda no palco
extremamente lírica e linda
vestida de cor alegre eles davam as mãos e
pareciam amigos íntimos lembro de
pensar que gostaria também que me
deixassem usar o vermelho naquela
época em que mulheres gordas não
usavam cores alegres vivas de vida
ainda que ela fosse um risco como
freddie e cazuza surgiram
imolando o corpo em nome do direito
do corpo marcado e do pânico que seguia na dignidade da voz

[de saber

da morte rondando seu corpo seu quarto
montserrat parecia uma ave materna
cuidando da aura de freddie mercury e sei
que em oitenta e cinco ele fez silêncio
enquanto milhares de pessoas cantaram
aquela que foi sempre a sua música

incandescente
como a voz de al berto e caio fernando
abreu escrevendo uma carta para atravessar agosto e permanecerem
[vivos

exatamente
os homens frágeis como meu pai
mas corajosos como o vermelho
que eu decidi amar.

**“nós estamos preparadas
desde o jardim de infância”**

*poema para mc carol,
depois de ler um seu depoimento*

um dia meu pai muito
cedo disse
vamos tirar
as laranjas do pé
me levou ao colo
para que eu pegasse
as frutas
depois sentamos à escada
no fim do terreno
e ele tomou uma faca que
trazia sempre consigo
comi até o bagaço das laranjas
eu e a minha fome
depois juntamos os caroços
e ele foi andando com uma
enxada
tentou me ensinar a lida e
embora fosse pequenina
capinei o rápido plantio
com as sementes guardadas
nos bolsos.
as laranjas não vingaram
meu pai também não
mas eu
eu sim.

benjaminiana

no começo eu escrevia apenas
mentalmente
desenhava imagens na quietude dos bancos de trás dos ônibus
[enquanto aprendia palavras que nunca eram minhas
depois ganhei um lápis
e reconheci uma forma de
missão
arredondando as vogais lentamente
nos cadernos encapados de verde
pela minha mãe
segurando a minha mão direita
para acertar a letra
e por um tempo segui
na borda das caligrafias
ora pingando os is
ora reparando na luz
que incendiava a página
toda branca contra
o meu vestido de pele
nua com o nariz grosso
agora é que começaram
os fios do tempo no cabelo
cheio
(olhos escuros)

tenho quase quarenta anos
e não desenho mais
continuo nos ônibus
à procura das palavras minhas

da poesia que não doa tanto
em casa tenho plantas
bichos
canetas
e uma coleção de poemas
abandonados
silentes
atravessados pela ruína
como o retrato da cidade
em que nasci na parede
abaixo de minha última
foto — hoje tão puída —
com meu pai.

o assassinato de marielle franco

como apaga um corpo depois
de correr nele o vinho de tanta
fruta gorda e succulenta
você segura nas mãos da vida
e nela há respiração timbre
a pisada de um búfalo
um fôlego vindo das raízes
o vento que bate na areia da pele
você vê os pelos eriçados
você inclusive se arrepia
e de repente um outro sopro
morde
onde tudo sangra
como que pode
morrer ser tão doloroso
ou pacífico
como que pode
morrer às vezes
ser tão lento
como apaga um corpo depois
depois de a pele que temos
ser tão consoladora
fica um pouco mais
poderia ter dito
mas o vinho por dentro ardia
e mesmo que o corpo ficasse
o elo de ser um animal
já tinha se desfeito
o visgo inteiro vazado

a ponto de nunca mais
poder ser recolhido
como que pode
um corpo inteiro
quebrado
a gente estendendo a mão
que fica mais no vazio
a gente também um corpo
esperando o seu quebrado
como que pode
um corpo inteiro
sumir
mesmo desmembrado
sempre pode ou deve
o desencanto ser admitido
morrer como adormecer
entre as ruínas
as bombas
perder
sopro sangue ar
barco e mãos
atracados mas
pendentes
nos filamentos do espaço
a mão última que acena
sabe porque dói
o impossível
não pode mais.

caixa de joias

não lembro exatamente qual era teu nome
se rodrigo rafael ricardo renato
eu usava um anel para dedos largos
tucum certamente jamais marcassita
vinha de cordovil pela penha (aos treze)
e sabia que no caminho da poesia
haveria de atravessar vielas variadas do subúrbio
e a defloração do corpo era um preço
caro que as mulheres pagam
muito cedo como pedágio para permanecer vivendo
(fiz parte muito tempo do grupo de fêmeas
que desconheciam a diferença entre
romance e estupro)
não lembro qual foi o nome que você
disse que era o seu porque eu era jovem
embora fosse muito tarde
não havia água para que eu me lavasse
e saí com uma blusa de ursinhos retorcida
talvez manchada
você me deixou num ponto de ônibus
e enquanto aquela arrebenção doía
eu rodava o anel entre os dedos
na noite da praça do carmo
sozinha
pensava no balé giselle na moça magra
na ponta dos pés gigante brilhante
eu com um anel de pobreza na ponta
dos dedos
pequeno

você em cima de mim há uma hora
gotejando uma mentira que parecia
amorosa
então houve uma cena que fez nascer o poema
descruzei os braços, preni o cabelo por causa do calor
 muito em câmara lenta
porque nunca marcassita
e fiquei novamente nua
nada aconteceu além disso
(como num clipe do antony & the johnsons)
e nem mesmo nenhuma
palavra ou pessoa me salvou
mas saber o trânsito da penha
reconhecer os ônibus, suas cores
e dobradiças
me fez atravessar o tempo das garagens
onde assisti à perda do noivado inexistente
giselle tutus perdas de marcassita
onde perdi tudo ficou uma mão aberta
na porta daquele cômodo mofado
vão-se os anéis caídos nos bueiros dos subúrbios
fincam-se os dedos no silêncio
 do corpo curado no curtume

museu nacional

eles venceram gaguejando
pragas
dançaram macabramente
em cores de bandeira a
coreografia dos incêndios
estou tentando atravessar
as ruas
mas esbarro nos mortos
e nas armas
do abandono — restos
das árvores que o temporal
levanta garantindo o encontro
definitivo com o passado —
há corpos na esquina
cacos e papéis da quinta
e de longe posso mapear
onde estão as outras bombas
porque o ataque já foi iniciado
e nós nos mantemos vivos
enquanto os soldados
vão errando alguns
dos seus alvos
(nós)
deixamos um débito gigantesco e
nosso dinheiro não paga a natureza

também foi queimado o canto dos povos
talvez não haja música para a extinção

museu nacional.2

em setembro de noventa
meus colegas queimaram
pontas agrestes de um cabelo

foi durante o recreio
da quarta série
alguém levou um isqueiro

e por trás do balanço maior
um pequeno incêndio foi
provocado

nada comparado ao
desaparecimento do
crânio que luzia

mas

meus colegas também
queriam abrasar a memória
de uma infância alijada

atearam fogo
aos fios de contas de uma história
disseram

— *— você é a mais feia dentre nós*

& como os assassinos de hoje

gritaram como dominicanos

— *queimem-na*

sou um animal muito antigo
também serei mulher-bomba.

migração da paisagem

como deve ser o que flutua, leve?
como pode ser a pluma no vento
o ostensório aberto, a vista breve
mas não, corpo como carga e silo
mar grosso, navio de oceano
tamanho de âncora
farol da noite nutrido
tudo faltoso
naquilo onde nada fica
como deve ser o que flutua, leve?
esta facilidade de voar sem afinco
desresponsabilidade de planar
um canto que soe sinuoso
ou pesado
crítica diáfana do mundo
na caligrafia sempre sensata
equilíbrio que segue
como deve ser o que flutua, leve,
senão a trapezista do circo
eu múltipla e taquilálica
desequilibrista do mar alto
ancorada numa pedra
com sísifo
marina acorrentada de barcos
as cargas os silos
tarefa de saltar os olhos
leve como o que flutua
deve
a minha dívida imensa deste saldo

aquela cena de asas do desejo
sem rede para o pulo
o que é forte é o que me foi pesado.

necrobrasil

como iremos embora
tipo uma pergunta mas
também uma solução
deixar o aglutinado de
palavras livre sem pontuação
como iremos embora
se temos três gatos
como iremos embora
se temos vozes tão
diferentes
como iremos embora
juntando dinheiro que
não temos
como iremos embora
neste instante em que
dura
a catástrofe e uma aula precisa
ser dada entre as ruínas
como iremos embora
enquanto as tvs ardem
como iremos embora
se ainda não paguei o mês de março
para a analista
como iremos embora
sem molharmos as plantas
iremos embora catando folhas
e reprogramando a língua
essas palavras aparecem agora
depois do almoço de domingo

enquanto você dorme e
não vejo solução a curto prazo
e meus cabelos voltaram a cair
ou meu rosto parece esfacelado
como iremos embora sem
carregar livros ou nossos chás
pre
feridos
vamos embora tocados
pela rapidez das varas
neste dia de aniversário
55 anos do golpe militar
em que há pouca gente na rua
a não ser pelo vasco x flamengo
e quando não há família nem
igreja nenhuma
ameaçada
iremos embora descendo as
escadas com nossas mochilas
e sacolas
talvez fechemos a porta
e deixemos comida e água
para os gatos
(por quanto tempo?)
talvez choremos no último
portão da nossa casa
porque são muitas as
perguntas
e é possível que seja o
horário do padeiro que
vende doces e sonhos
e as nossas bolsas pare
cerão pesadas
(levaremos mantimentos?)
são é muitas perguntas

para nós que vamos ficando
e para nós que não temos
sobrenome
e se de fato formos na
condição de refugiadas
na condição de fugitivas
na condição de sobreviventes

afinal,
(evitamos até aqui as indagações
mais acabadas e questionadoras)
porque se realmente for imperativo ir
porque se for inadiável a partida
mesmo com a hipótese cruel
do abandono dos gatos

quem molhará as plantas?
quem retirará a poeira dos livros?
quem vigiará a segurança de nossa
casa?

se formos
se realmente formos

desculpem o tom de interrogatório
a insistência pela dúvida

se formos
se realmente formos

para

onde

vamos

?

“Now that book is finished,
now that I know my characters will live,
I can love my child again.
She need sit no longer
at the back of my mind,
the lonely sucking of her thumb
a giant stopper in my throat.”

ALICE WALKER, *Good night, Willie Lee,*
I'll see you in the morning

AGRADEÇO, DE MUITAS FORMAS, A EXISTÊNCIA E A FEITURA
DESTE LIVRO À/ A:

cristiana lopes, leitora, costureira e artista de muitos bordados, o amor feito para algum possível todos os dias;
mãe chris de yemonjá, pela transmissão dos preceitos, pelos ensinamentos, mukuiiu!
mg, fernanda, raphael e alê, uma família firme e muito crítica desta poesia;
sebastião e leonel: cumplicidade, enfrentamentos mas descanso sempre no final;
mauro e thiago, minhas referências poéticas;
bruno, elder, pedro, diego, joca, ambos semelhantes e tão diferentes;
personagens poéticos desta (minha) vida;
rafaele, cuja transformação inspiradora eu testemunho crescer um pouco a cada dia;
ana oliveira e letícia tandeta, mulheres inspiradoras; leitoras sempre incentivadoras da minha poesia;
jaqueline e karen, pela troca amorosa do que foi possível durante aquele tempo;
maffei, porque este é o terceiro momento de algo que começou há muito tempo e você estava lá como testemunha e leitor generoso;
danielle magalhães, bruna mitrano e andré luiz pinto, parceiros da lavra e do projeto dos documentários do pucheu;
flavia trocoli, luminescência;
clarissa, lugar onde reaprendo a desejar o corpo que dança;

capilé, fred e otávio, pelo convite honroso, e por minha chegada à esta editora tão bonita.

giovana, distância amortecida nas imagens amáveis de outro tempo;

ana rita, memória afetiva e geográfica; ancestralidade;

pucheu, pela amizade, por acreditar no meu trabalho, por acreditar na minha poesia.

aos meus velhos e velhas, agradeço o convívio, a transmissão, peço a bênção e a licença: zezé, rolando, sebastião, elmir, aparecida e luzia.

“Amor é o olhar total, que nunca pode ser cantado nos poemas ou na música, porque é tão-só próprio e bastante, em si mesmo absoluto táctil, que me cega, como a chuva cai na minha cara, de faces nuas, oferecidas sempre apenas à água.”

FIAMA HASSE PAIS BRANDÃO

POSFÁCIO

No primeiro poema do livro de estreia de Tatiana Pequeno, um “11” se faz presente ao fim do título. Teria ela, anteriormente, feito um outro “rio para professoras”, sem o ter publicado? Pelos livros que vieram a público, certamente não. A trajetória da poeta começa saltando a soberania do número 1, a soberania de uma origem exclusiva e excludente, a soberania do primeiro, do único, do monólogo, do imperante, do determinante, do governante, do pai, do dinheiro... Nem Deus, nem o uno, nem Adão, nem o eu, nem o si, nem o liberalismo... Nem as maiúsculas nos títulos nem em vários começos de poemas — o novo livro é todo em minúsculas; é uma poesia das minúsculas, em que até essa escolha gráfica se confunde com uma ética e uma política.

Trata-se de uma poesia das vidas minúsculas. Lembro que, em seu segundo livro, é afirmado: “[...] fiquei novamente em qualquer/ lugar que não fosse o primeiro único”. Colocar o dois no lugar do um, o qualquer no lugar do primeiro único ou do primeiro ou do único, é dizer que no começo já há política, ética, diálogo, alteridade, dissenso, querela, diversidade, diplomacia, amor, amizade, a busca pela inclusão do excluído e — mesmo com resultado impossível — pela justiça...

Não à toa, os títulos dos livros de Tatiana Pequeno implicam o outro: antes deste que o leitor tem em mãos, *réplica das urtigas* e *aceno*. Essa poesia traz uma alteridade no lugar do que seria o próprio, sendo uma réplica a algo que já se deu,

uma resposta ao que está colocado ou consolidado, uma contestação dos preconceitos, uma refutação dos estereótipos, uma inadmissibilidade de qualquer negação do outro, um aceno, um estender da mão, um afago, portanto, à alteridade, levando-a, desde o princípio, em conta. Fazer da poesia um gesto ao outro como quem, a ele, se dobra, verga-se, encurva-se...

De sua poesia primeira, a poeta afirma que seu desejo era o de dialogar “com os meus irmãos de misérias e assombros”, fazendo da poesia nada mais e nada menos do que, pelo diálogo, pela horizontalidade do dois e do múltiplo, “um modo particular de enfrentar o mundo”. Enfrentá-lo dialogando com e acenando a seus “irmãos de misérias e assombros”; enfrentá-lo indo junto e a favor dos miseráveis que — ainda — se assombrom, porque quem ainda pode se assombrar são os miseráveis, os que sofrem na pele a carência e a desgraça impostas pelos poderosos que com nada mais se espantam.

A palavra que intitula seu segundo livro é uma palavra-chave e, mais do que isso, uma palavra-senha que já se faz presente em *réplica das urtigas*, levando o “aceno” a se vincular ao coração enquanto o que, de cor, traz no corpo o distante e a memória: “[...] o coração é uma cápsula depositária/ de bandeiras, acenos e estrelas distantes da/ memória”. Curvar-se ao outro é não deixar que o mais distante, mesmo que viva no meio de nós, seja esquecido, trazendo, no coração — de cor —, o excluído, o anônimo, o inadaptado, o desabrigado, “os irmãos de misérias”, os que os soberanos querem obedientes e suprimidos. “Aceno” se coloca igualmente como uma palavra-senha, já que a réplica pela qual começa seus acenos é uma que, irritada com o *status quo* da cidade, do país e do mundo, deseja devolver essa irritação com pensamento e poesia, irritando os soberanos que só levam o outro em consideração para destruí-lo.

Desde o começo de suas publicações, uma das alteridades (uma das miserabilidades) encampadas pela poesia de Tatiana Pequeno se refere ao subúrbio, tornando sua poesia o que chama de “movimento de subúrbio”, “música de subúrbio”. Deixar esse movimento ou música de subúrbio aparecer é a obsessão cotidiana dessa poeta, que escreve: “eu acordo e digo/ tenho mais um dia para contar a história dos subúrbios”. “Movimento de subúrbio”, “música de subúrbio”, “história dos subúrbios”, eis, repetidamente, um dos focos dessa escrita. Sua opção ética e política se coloca como um movimento, uma música e uma história do “sub-”, do que se encontra em situação inferior, do que está abaixo, do que porta consigo a insuficiência, a carência, a falta, do sub-urbano, do sub-desenvolvido, do sub-mundo, do sub-alterno, do sub-empregado, do sub-capitalizado, do sub-remunerado, do sub-nutrido, do sub-aproveitado, da sub-raça... Fazer o subúrbio se movimentar na poesia, fazê-lo — mais do que cantar — ranger ritmicamente na poesia, fazer a(s) história(s) do subúrbio na poesia é levá-la aonde, em nossa tradição, ela raras vezes esteve, trazendo para a poesia um ritmo de questões pessoais, históricas e sociais indiscernibilizadas que, em anos e décadas anteriores, não tinham acesso à visibilidade e determinações poéticas nem políticas.

Essa música, esse movimento e essa história provêm da Zona Norte. A presença da morte nos bairros suburbanos e periféricos são uma constante nos três livros, a ponto de, neste, em um dos poemas, haver um deslize mínimo de uma letra, uma alteração de uma letra que ganha um puxadinho gráfico, um ínfimo deslocamento de um grafema, a desviar, sem sair do lugar, a zona norte para a “zona morte” ainda cortada pelo suspense do enjambement — “zona/ morta” —, superpondo-as ao nos dar a real da periferia e das comunidades de nossa cidade. Esse deslizamento sem sair do lugar é feito com tanta maestria que, mesmo sendo voluntário (o que se evidencia

pelo próprio enjambement suspensivo), chega a parecer um lapso, um ato falho, uma ajuda do corretor ortográfico, vindo do acaso: “um corpo de homem avançou/ rápido na contra-mão da zona/ morte [...]”.

Trazendo também, a princípio de modo discreto, um feminismo e um lesbianismo que ganharão cada vez mais força, problemas neurológicos ou clínicos, epilepsias, remédios psiquiátricos e outros assuntos afins, Tatiana Pequeno fala, cada vez mais, do que é desconfortável, tocando diretamente nossas feridas e nossos preconceitos pessoais, sociais e históricos. Ela fala do que é desconfortável, sobretudo, e inúmeras vezes, para ela, como, ainda em *aceno*, demarca seu lugar de crescimento: “[...] cresci abaixo daquela/ linha amarela, no limite entre o Morro do Adeus/ e a rua Guaratinguetá bem no pulmão daquele/ largo imenso de Olaria onde minha vida inteira/ foi desejada a partir da possibilidade de sempre/ saber ir embora caso ninguém surgisse para me/ buscar”. O desconforto se explicita como uma marca de crescimento. Na certeza de que ninguém surge para nos resgatar, na certeza de que, como escrito em “caixa de joias”, “e nem mesmo nenhuma/ palavra ou pessoa me salvou”, a poesia, longe do resgate e da salvação, é um modo de partir sem sair do lugar, de criar uma linha de fuga desde, mas também para, o lugar, escrevendo, cada vez mais de perto e incisivamente, o que “[...] está à beira de ser cruel e muito/ perfeitamente/ real”. Uma escrita que, por muitas horas de assombro, com seus irmãos de misérias e assombros, está à beira da crueldade do real.

Em “carta para Sebastião”, do livro *aceno*, é afirmado: “quando uma música começa muito barulhenta/ é porque sua urgência precede a harmonia”. Por sua urgência que precede a harmonia em detrimento de um privilégio do estético em sua autonomia, sua aposta poético-ético-política é em uma poesia barulhenta. Essa é uma poesia da “vida diminuta e inútil dos intensos”, da vida alquebrada dos “irmãos de misérias e

assombros”, da vida minúscula, que se lança em busca de possibilidades e dignidades pleiteadas por nada mais do que — apenas — suas intensidades, sem trazerem consigo nenhum fundamento além delas mesmas, além de seus desejos intensivos.

*

Muito do que disse anteriormente está presente nos dois primeiros livros de Tatiana Pequeno, mas, apesar disso, com toda honestidade, não sei se eu teria conseguido ler essa direção de seu caminho se não fosse *onde estão as bombas*. *onde estão as bombas* é um livro de tal maneira radical e singular que nos leva a ler o que veio antes a partir do que nele emerge com clareza e intensidade, de modo que o que percute em e entre seus poemas, sua percussão, repercute no passado, fazendo-o revibrar. Sem perder a continuidade do que vinha acontecendo, relacionando-se com o que veio antes, ele instaura um corte que dá a ver e pensar o que, mesmo estando lá anteriormente, talvez não fosse tão visível e pensável. Este também é um livro de quem sabe que “é duro exigir para si aquela nova escrita”, colocando-se à altura dessa árdua exigência até alcançar “aquela nova escrita” exatamente — neste — livro. Sempre é preciso uma outra escrita, de fora, “aquela”, para fazer movimentar — essa — escrita, mesmo quando — essa — é a “nova escrita”. Garantir a alteridade do “aquela” — nessa — escrita para que ela possa trazer algo de novo é uma marca — dessa — poesia.

Enquanto em *réplica das urtigas e aceno* há uma poeta em sua exuberância mostrando, na criação afinada de seus ritmos, sintaxes, temas, imagens e metáforas, a excelência escritural de inúmeros poemas, *onde estão as bombas* é um acontecimento que me parece ir em outra direção, com preo-

cupações mais incisivas. Nele, há um movimento de redução de metáforas em nome de uma intensidade mais direta que, respondendo à do real em uma narratividade fraturadamente lírica (em uma “nar/rativa”) ou no intervalo poético da fratura narrativa, se lança a atingi-la, como é evidente em poemas impressionantes como “l’air du temps”, “expertise”, “breve ensaio contra a minha indiferença à cracolândia do jacaré”, “mulher do fim do mundo” e “poema angélico-adiliano”, dentre outros. Essa dimensão de uma narratividade fraturada da lírica, em que a ausência de pontuações contribui para um espaçamento a “deixar o aglutinado de palavras livre”, confunde-se com uma dimensão ensaística dessa poesia. Há um desejo ensaístico nessa poesia — como há um desejo de ensaio em certa poesia contemporânea, o que pode ser visto, além de na própria Tatiana Pequeno, em Marília Garcia, no poema, por exemplo, “Tubo de ensaio”, de *Parque das ruínas*; em Danielle Magalhães, que explicita tal ensaísmo poético no poema “esboço para um ensaio não escrito”, do livro *Quando o céu cair*; em Josaldo Lima Rêgo que, no livro *Carçaça*, tem toda uma parte intitulada “Ensaio”; e em Leila Danziger, no livro *Três ensaios de fala...*

Essa tomada de posição ensaística, também política, participa de um momento em que certa poesia atual, sobretudo feita por mulheres, passando pelo testemunho, pelo autobiográfico e pelo (in)familiar, assume um tom afirmativamente militante ou ativista em seus poemas, panfletário mesmo, ampliando com isso, e não reduzindo, o escopo poético, teórico e político da poesia. Os poemas deste livro são declaradamente poemas-manifestos, poemas-ativistas, poemas militantes, poemas-panfletários, poemas-tiros, poemas-bombas que não se desviam da contundência necessária de quem lida responsabilmente com o nosso tempo, permanecendo à beira do real no acontecimento poético-filosófico-histórico-político.

onde estão as bombas é um estrondo que responde a uma urgência de nosso tempo e, respondendo a ela, torna-se um livro urgente para nós, um livro pungente, explosivo, simultaneamente do, mas, especialmente, para o nosso tempo, na medida em que vai vertiginosamente “à beira” da crueldade do real, permanecendo nela, demorando-se nela, conseguindo fazê-la falar. No documentário que fiz com a poeta, intitulado *Tatiana Pequeno: muambas e bombas para o nosso tempo*, ela afirma: “Eu acho que, quando os escrevi [os poemas mais “espinhosos” de *onde estão as bombas*], eu me senti absolutamente só, mas depois que eles estavam escritos, eu me senti fazendo parte de uma comunidade, mas uma comunidade infeliz, de uma comunidade que é absolutamente violentada, sistematicamente, a cada hora, a cada minuto, neste país temível. Então, de algum modo, esses poemas deixaram de ser bombas para mim, talvez, depois que eles foram escritos, mas são bombas que eu vou lançar para os outros, porque os outros precisam também, então, a meu ver, ler e ouvir um pouco do que é dito ali, porque eu acho que essa é uma tarefa da poesia”.

Neste livro, tanto a réplica é bem mais grave do que a das urtigas quanto o aceno requer um outro gesto, mais extremo, mais limítrofe, que lhe complemente: responder às bombas, que, desde 1500, mas também, num lapso menor da nossa história, sobretudo nesses últimos anos, recebemos diariamente, com outras bombas. O título *onde estão as bombas* resguarda uma duplicidade: 1) ele pode soar uma pergunta com uma interrogação implícita; e 2) ele diz de uma afirmação na qual o livro quereria dizer que é nele, livro, que as bombas estão, tratando-se, assim, de nada menos do que de um livro-bomba, que responde com poemas-bombas as bombas recebidas.

Livro necessário de enfrentamento, *onde estão as bombas* é um livro histórico; ele foi escrito, com toda gravidade, também a partir das manifestações híbridas de 2013 e suas de-

corrências, escrito também a partir de 2016, o ano em que o golpe foi dado com a deposição da presidenta Dilma Rousseff, escrito também a partir de 2017, o ano em que o golpe se estende com a prisão de Lula e sua proibição jurídica de ser candidato à presidência da República, escrito também a partir de 2018, quando tanto Marielle Franco é exterminada muito provavelmente por milícias ligadas ao então futuro presidente e ao então futuro governador do Rio de Janeiro quanto o Museu Nacional é incendiado, escrito também a partir de 2019, quando Bolsonaro assume o poder. Desde então, vivemos em uma necrocracia explícita, associada ao ultraliberalismo, às milícias e à xenofobia irrestrita, cujo objetivo é destruir todos e quaisquer direitos trabalhistas, tudo o que é comum e democrático, investindo, ao limite da prisão, da asfixia econômica e do crime por assassinato, contra todos e todas que se colocam contra o autoritarismo que ele encarna, como a educação pública, especialmente as ciências humanas tão atacadas, as mulheres, os negros, os quilombolas, os índios, os LGBTQs, os operários, os pequenos trabalhadores rurais, os minimamente assalariados, os que trabalham — ainda — em regime escravocrata, os desempregados, os aposentados, os idosos, as famílias dos assassinados pela ditadura, os artistas, os intelectuais, os movimentos sociais organizados...

No documentário *Tatiana Pequeno: muambas e bombas para o nosso tempo*, ela fala: “O *onde estão as bombas*, que é meu terceiro livro, ainda inédito, tem uma engrossada de tom. Essa engrossada de tom, chamemos assim, vai necessariamente ao encontro de uma configuração que, a meu ver, é uma configuração não só de realidade, mas desse real que vem nos atravessando, especialmente no país em que eu vivo desde 2013. Acho que, em 2013, a história nacional de alguma forma dispara uma série de questões e de problemas que não se resolveram de forma nenhuma. E isso provoca em mim

e, portanto, na minha poesia uma necessidade talvez de falar mais às claras. A configuração política do Brasil contemporâneo talvez me obrigue... e eu me sinta convocada... eu evoque... eu sinta a necessidade de evocar, talvez, essas palavras ou esse modo de conduzir o poema de uma maneira que seja absolutamente mais evidente. É lógico que nessa ideia de evidência mora uma transparência, mora talvez até mesmo uma dificuldade de metaforizar. Eu acredito cada vez mais que a gente viva, nesse momento, que a gente viva essa experiência com uma dificuldade de uma construção imagética inclusive também. Não só essa dificuldade de metaforizar, mas essa dificuldade de a gente olhar para o que está acontecendo e, ao mesmo tempo, se sentir convocado de alguma maneira a falar disso, mas a falar talvez de um outro lugar que, a meu ver, também é o lugar da poesia. E acho que a poesia tem a possibilidade de, de alguma forma, de ilustrar essa realidade e estar sempre ali, num exercício que é o de estar diante do real, ainda que esse real seja impossível de ser representado”.

Escrever em um momento em que o mais difícil é sobreviver, em que se sobrevive apenas por conta de um erro de pontaria: “é de longe posso mapear/ onde estão as outras bombas porque o ataque já foi iniciado/ e nós nos mantemos vivos enquanto os soldados/ vão errando alguns/ dos seus alvos/ (nós)”, como dito em “museu nacional”. *onde estão as bombas* é um livro que coloca, na “origem”, um assassinato de um tio por cinco ou seis tiros disparados em um subúrbio do Rio de Janeiro. Todos sabemos que o Rio de Janeiro é uma cidade em que se pode dizer que, no começo, era a bala e a miséria, que, no começo, antes de haver o verbo (o *lógos*), a luz ou alguém, já havia a miséria e o assassinato, sobretudo, a miséria instaurada pelo Estado e o assassinato estatal — militaresco, policialesco, senadoresco, deputadesco, miliciano, traficante — que promove a miséria e os outros crimes individualizados,

levando-me a lembrar imediatamente do recente assassinato pelo exército de Evaldo Rosa dos Santos, quando os militares dispararam, por engano, ou melhor, pelo mero fato de os integrantes da família serem negros, não cinco nem seis nem treze, mas 80 tiros contra o carro da família do músico.

Na verdade, contrariando o que primeiro foi divulgado, o laudo posterior apontou que não foram 80 os tiros disparados, mas 257 tiros de fuzil e pistola, sendo que 62 atingiram o carro do músico. Sobre esse acontecimento catastrófico, enquanto o presidente da República dizia que o crime foi um “incidente” e que “o exército não matou ninguém”, o vice-presidente da República seguia justificando o assassinato, com ligeira ponderação ao fim, dizendo, com palavras que poderiam ter saído do pacote anticrime de Sérgio Moro, que “sob forte pressão e forte emoção ocorrem erros dessa natureza”, acrescentando ainda que “Houve uma série de disparos contra o veículo da família. Você vê que só uma pessoa foi atingida, então, foram disparos péssimos. Porque se fossem disparos controlados e com a devida precisão, não teria sobrado ninguém dentro do veículo. Seria pior ainda a tragédia”. Em decorrência da mesma ocasião, dias depois, morreu Luciano Macedo, catador de lixo, baleado por tentar ajudar a família baleada.

Impossível não ressaltar em tal livro a força de um devir-mulher, de um devir-bomba de mulher, de um devir-“mulher-bomba”. Sendo o futuro da poesia e da poeta, tal “mulher-bomba” se coloca nos poemas de Tatiana Pequeno, oferecendo uma possível direção atualizada dessa “mulher-bomba”. Que mulher é essa? Que bomba é essa? Quem é essa “mulher-bomba”? De que modo essa “mulher-bomba” comparece em *onde estão as bombas? Onde estão as mulheres-bombas* poderia ser uma variação do título do livro. A “mulher-bomba” é uma decorrência de viver enquanto mulher por estar submetida a violências consecutivas especificamente contra mulheres: a de

quem, por exemplo, teve o cabelo incendiado por “colegas” de escola aos 11 anos, a de quem traz consecutivas violências sexuais no corpo desde a primeira menstruação aos 13 anos...

A mulher violentada, a mulher violada, é “mulher do fim do mundo”, essa do tempo da “humaneza” que traz a destruição ao mundo. No fim do mundo, a mulher nem se posiciona na primeira pessoa, sendo o “a gente” designativo do grupo dos machos que então comparece no poema, a voz exclusiva do macho que destitui a mulher, do homem violento, violador, assassino. Altamente incômoda, em tal poema, a estratégia não é a utilização de uma voz de mulher a defender diretamente a “mulher do fim do mundo”, a mulher animalizada, a mulher estuprada, a mulher matável, submetida a um feminicídio dos maiores, mas a de assumir a violência do macho na voz do próprio violador, expondo-a, ao limite, desde dentro, desde seu horror. Assumindo um eu falocêntrico, o poema explicita em que consiste esse eu, em que consiste esse falo. Em um livro feminino e feminista, a estranheza se faz total ao lermos o tom da mulher se revertendo no tom do macho misógino, questionando-o de dentro de seus próprios termos.

Por fazer em seu corpo a experiência da destruição, é preciso a essa mulher-poeta (mas também a muitas outras), tornar-se uma “mulher-bomba” para, lutando contra a objetalização e subalternidade às quais é lançada, instigar o coletivo a se transformar em uma possibilidade bem além da “humaneza” destruidora. Devir “mulher-bomba” é a decorrência histórico-poético-ético-política da mulher violentada, da mulher violada. Evidenciando a violência contra as mulheres, o testemunho poético da violência contra si é retornante no livro.

Participando de um subgrupo de um feminismo poeticamente elaborado com os quais esses poemas se fazem, é preciso salientar dois poemas singularmente notáveis, que, podendo ser lidos como um díptico (“poema angélico-adiliano” e o

“antílope-cetáceo”), mexem com mais um preconceito individual e social, o das mulheres gordas, socialmente ainda mais subestimadas do que as mulheres de modo em geral. Como outros, são declaradamente poemas-manifestos, poemas-ativistas, poemas militantes, poemas panfletários, poemas-tiros, poemas-bombas.

Se, no começo, é o tiro, se, no começo, é a bala, se, no começo, é o estupro, se, no começo, é o preconceito, se, no começo, é o ódio, se, no começo, ao meio e ao fim, é a miséria e a destruição do outro pelos que detêm o poder, e mesmo por cada um de nós que a cada momento podemos deter micropoderes, Tatiana Pequeno ergue sua voz ao longo do livro justamente para os diversos ninguéns (“o exército não matou ninguém”, repito, cansativamente, o presidente da República), os invisibilizados, os fragilizados, os que sofrem de preconceito, os excluídos, os violentados, miseráveis, assassináveis, cujas mortes (assim como suas vidas) não são contadas.

Ler *onde estão as bombas* é fazer a experiência de uma imensa intensidade poética, política, ética, existencial, com poemas de intervenção no nosso tempo, é fazer a experiência de que algo de muito especial, de muito singular, que diz, entretanto, respeito ao coletivo de maneira ampla e irredutível, está acontecendo na poesia de Tatiana Pequeno. Aproveite, leitor, releia o livro, porque *onde estão as bombas* mostra a que vem tanto a poesia de Tatiana Pequeno quanto a poesia brasileira atual.

ALBERTO PUCHEU

Sumário

origem	9
campo de libra (ainda 2014)	10
adeus ao pelourinho	11
teoria da poesia	12
silva antigona	14
l'air du temps	16
expertise	19
a queda do céu	22
breve ensaio contra a minha indiferença quanto à cracolândia do jacaré	23
muito tesão pelos campos em perdizes	26
um a um	28
metafísica da repetição	29
lírica decolonial	30
intradução	31
epilepsy is dancing	32
mulher do fim do mundo	33
cantilena da outra ponta da praia	35
galeria	37
querida,	39
itinerário econômico da formação	41
carta para alguém depois dos protestos	42
no mirante do pontal	43
carapebas praia hotel	45
1. desorientação	46
2. pedágio	46
3. crítica lírica	47
virginia woolf & joão cabral de melo neto: mútua entre-vista	48
iniciação à gramatura	50
antípodas	51
sfílica	52
mudança	53

poema angélico-adiliano	54
antílope-cetáceo	56
visitação da menarca	58
garoa sobre mim	59
sos	60
dura lex sed sex	61
neurológica	63
as eclusas	64
broken social scene	66
a festa na rua pacheco jordão	67
cat people	69
umbigueira	70
a cor da pele	72
these are the days of our lives	74
“nós estamos preparadas desde o jardim de infância”	76
benjaminiana	77
o assassinato de marielle franco	79
caixa de joias	81
museu nacional	83
museu nacional.2	84
migração da paisagem	86
necrobrásilia	88
AGRADECIMENTOS	93
POSFÁCIO	
<i>Alberto Pucheu</i>	95

© Tatiana Pequeno, 2019

Este livro segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CONSELHO EDITORIAL

André Capilé (UniFOA)

Patrícia Lino (UCLA)

Prisca Agustoni (UFJF)

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Otávio Campos

PROJETO GRÁFICO

Otávio Campos

Fred Spada

REVISÃO

Fred Spada

POSFÁCIO

Alberto Pucheu

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P424o Pequeno, Tatiana, 1979 - .
Onde estão as bombas / Tatiana Pequeno. Posfácio de
Alberto Pucheu – Juiz de Fora: Edições Macondo, 2019.

ISBN 978-85-93715-24-2

1. Poesia Brasileira I. Título

CDD: B869.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia: Literatura brasileira 869.1

[2019]

EDIÇÕES MACONDO

Rua Dom Silvério, 302/302A

Alto dos Passos – Juiz de Fora – MG

36026-450

www.edicoesmacondo.com.br

contato@edicoesmacondo.com.br

onde estão as bombas, de Tatiana Pequeno, com posfácio de Alberto Pucheu, foi composto com caracteres Minion Pro sobre miolo em Pólen Soft 80 g/m² e capa em Color Plus 120 g/m², em uma tiragem de 150 exemplares para as Edições Macondo em junho de 2019.